



## CORPORDEIDADE E EXISTÊNCIA EM HEIDEGGER

DENISE MAGALHÃES DA COSTA<sup>1</sup>

**RESUMO:** Nosso objetivo é mostrar o nexu ontológico entre corporeidade e o caráter de existência do *Dasein* a partir dos *Seminários de Zollikon*, onde Heidegger correlaciona a corporeidade ao ser-no-mundo; e de *Ser e Tempo*, onde ele expõe a analítica existencial deste ente e a sua constituição ontológica como ser-em. Nossa hipótese é que a corporeidade é um existencial constitutivo do ser do *Dasein* e se dá como um modo de ser ôntico-ontológico do ser-no-mundo. Para tanto, pretendemos esclarecer inicialmente a espacialidade ontológica do *Dasein* e sua co-pertença à corporeidade como um modo do corporar. Em seguida analisaremos os existenciais da compreensão, disposição e fala e seu nexu ontológico com a corporeidade do *Dasein*. Por fim, apontaremos o caráter ontológico existencial da corporeidade e o corporar do *Dasein* como um modo de ser deste ente enquanto existência e que se determina no mundo, na relação com os entes, o que confere à corporeidade um caráter ek-stático.

**PALAVRAS-CHAVE:** corporeidade, existência, corpo, ser-no-mundo, *Dasein*.

**ABSTRACT:** Our aim is to present the ontological interconnection between corporeality and *Dasein's* existential character as from the *Zollikon* Seminars, where Heidegger correlates corporeity with being-in-the-world; and of *Being and Time*, where he exposes the analytic existential of this being and its ontological constitution as being-in. Our hypothesis is that corporeality is a constitutive existential of *Dasein's* being and given as an ontic-ontological mode of being-in-the-world. Therefore, we intend to initially clarify *Dasein's* ontological spatiality and its co-belonging to corporeity as corporeal mode. Then we will analyze the understanding of existentials, disposition, speech and its ontological correlation with *Dasein's* corporeality. Finally, we will point out the existential ontological character of corporeality and *Dasein's* corporeality as a way of being of this entity as existence, and that is determined in the world, in relation to beings, of which confers corporality an ek-static character.

**KEYWORDS:** corporeity, existence, body, being-in-the-world, *Dasein*

A questão da corporeidade é pouco explicitada na filosofia heideggeriana. Em *Ser e Tempo* (1927), encontramos referência à corporeidade do *Dasein*<sup>2</sup> em algumas passagens, como, por exemplo, nos parágrafos sobre a espacialidade. O tema foi ainda indicado em outros textos do filósofo tais como, *Da Essência da Verdade* (1933/34), onde a corporeidade é

<sup>1</sup> Professora Adjunta do curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Doutora em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: magalhaesdenise@hotmail.com.

<sup>2</sup> Na versão brasileira de *Ser e Tempo* realizada por Márcia Sá Cavalcante Schuback e que utilizamos neste trabalho, *Dasein* foi traduzido como presença. Entretanto, outros autores traduzem *Dasein* como ser-aí, estar-aí. Tendo em vista a diversidade de traduções do termo, decidimos mantê-lo em alemão, exceto nas citações.

articulada à existência, assim como em *Sobre o Humanismo* (1949), também em *Nietzsche I* (1961) onde encontramos contribuições relevantes para a elucidação da questão da corporeidade. Observamos que essa temática aparece em geral de forma esparsa, porém, significativamente para o esclarecimento da sua concepção de corporeidade.

No entanto, esta temática é mais incisivamente desenvolvida nos *Seminários de Zollikon* (1959- 1969). Não obstante, nestes *Seminários* Heidegger se reporta inúmeras vezes a *Ser e Tempo*, bem como às estruturas ontológicas do *Dasein*. Assim, por exemplo, lemos nos *Seminários de Zollikon*, que “O corporar co-pertence sempre ao ser-no-mundo. Ele co-determina sempre o ser-no-mundo, o ser-aberto, o ter de mundo” (HEIDEGGER, 2001, p.123). Nesse sentido, se a corporeidade co-determina o ser-no-mundo, constituição fundamental do ser do *Dasein*, e se este último conceito é melhor desenvolvido em *Ser e Tempo*, entendemos que as bases para a elucidação da corporeidade encontram-se na analítica existencial. Dessa maneira, para examinarmos a corporeidade do *Dasein* buscamos pensá-la numa correlação com a existência, com o ser-no-mundo, entre outros caracteres ontológicos do *Dasein*.

Antes de adentrarmos na questão da corporeidade ressaltamos que a filosofia heideggeriana se contrapõe às concepções tradicionais de homem como um sujeito dotado de corpo e alma ou como animal racional posto que tais concepções determinam de antemão o modo de ser deste ente a partir de uma estrutura dicotômica, qual seja, corpo e razão. Para Heidegger tais determinações são insuficientes para determinar o ser do homem que ele concebe como *Dasein*, ser-aí, para expressar seu caráter de abertura como compreensão<sup>3</sup> de ser.

Nesse sentido, no § 10 de *Ser e Tempo* (1927), encontramos a afirmação que o ser do homem não é uma soma de corpo, alma e espírito (HEIDEGGER, 2006, p.92). Em *Da Essência da Verdade* (1933/34), que compõe o livro *Ser e Verdade*, Heidegger nos convoca a libertar-nos da concepção errônea e secular do homem como um animal racional,

---

<sup>3</sup> A compreensão é uma das estruturas ontológicas responsáveis pela abertura do ser do *Dasein*, e que Heidegger denomina de existenciais, assim como a disposição e a fala. Os existenciais se dão como momentos estruturais indissociáveis, os quais não ocorrem separadamente, mas imbricados uns nos outros. Como compreensão de ser, o *Dasein* sempre já se compreende de algum modo em seu ser e compreende o ser dos demais entes com os quais se ocupa numa relação de familiaridade. Isto significa que, na cotidianidade, a compreensão não se dá como algo já explícito, mas como pré-compreensão, ou seja, compreensão pré-ontológica, pois não se trata de uma ontologia, não possui uma perspectiva teórica. Isto porque mundo sempre já se abriu numa compreensão e o próprio *Dasein*, enquanto ser-no-mundo, antes de qualquer tematização. Essa compreensão, por sua vez, é sempre articulada numa interpretação a partir da qual os entes vêm ao encontro do *Dasein* em seu ser como isto ou aquilo através da posição prévia, visão prévia e concepção prévia. A posição prévia refere-se à compreensão implícita que fundamenta a interpretação cotidiana em que o *Dasein* já sempre se situa em seu ser-lançado no mundo; na visão prévia o compreendido na posição prévia é apropriado segundo possibilidades de interpretação; na concepção prévia o que foi compreendido na posição prévia e assumido na visão prévia se transforma em conceito através da interpretação. (Cf.: HEIDEGGER, *Ser e Tempo*, p. 211).

corroborando que: “Não se deve construir e edificar a razão sobre o corpo do homem, mas a corporeidade deve ser deslocada e transferida para a existência” (HEIDEGGER, 2007, p.187). Ser como existência diz o modo de ser do *Dasein* como um ente que se relaciona com o ser, compreende ser, o seu ser e o ser dos demais entes. Como compreensão de ser, o *Dasein* é o único ente que se relaciona com o seu corpo como sendo seu, ou melhor, como sendo ele mesmo, “... só o *Dasein* existe seu corpo e ensaia todo movimento como o que lhe concerne. [...]” (CARON, 2008, p.315, tradução nossa). Assim, pensar o ser corporal do homem como corporeidade, significa pensá-lo não como uma “matéria”, que seria o corpo, e uma “forma”, que seria o espírito, alma ou razão, mas como um ser “inteiro” que se determina corporalmente como um modo de ser (DASTUR, 2003). Na concepção heideggeriana o “nosso” corpo (*Leib*), nunca é simplesmente um corpo material (*Körper*), é sempre o corpo de um *Dasein* e diz respeito a ele mesmo.<sup>4</sup>

[...] o corpo é, em cada caso, meu corpo. Isto faz parte do fenômeno do corpo. O “meu” é relacionado a mim mesmo. Com “meu”, quero dizer “eu”. O corpo está no “eu” ou “eu” estou no corpo? Em todo caso o corpo (*Leib*) não é alguma coisa, algum corpo material (*Körper*), mas sim todo corpo, isto é, o corpo como corpo é o meu corpo em cada caso. (HEIDEGGER, 2001, p.114)

Podemos observar neste trecho, que Heidegger refere-se ao corpo como “meu corpo”, como “eu”. Nesta referência ao corpo como “eu”, encontra-se indicada, de alguma maneira, a sua concepção de corporeidade. Isto é, na medida em que ao referir-se ao seu corpo como “meu” corpo, ele está se referindo a ele mesmo como “eu”, enquanto *Dasein* que é, isto significa que o corpo encontra-se implicado no seu ser, se dá como corporeidade, apresenta um caráter ontológico. Podemos dizer então que o corpo do *Dasein* é um modo de ser que co-pertence aos demais modos de seu ser-no-mundo, isto é, o modo da corporeidade.

Sublinhamos, contudo, que o caráter ontológico do ser corporal do *Dasein* não significa uma negação de seu aspecto ôntico, afinal o *Dasein* é um ente que, como compreensão de ser, possui um caráter ôntico-ontológico e, como tal, existe concretamente no mundo, se ocupa com as coisas e se relaciona com os outros em sua cotidianidade.

---

<sup>4</sup> Nos *Seminários de Zollikon*, Heidegger distingue o corpo material (*Körper*), em seu aspecto biológico, do corpo vivenciado (*Leib*). Dessa maneira, o termo “*Leib*” é usado para designar o corpo vivido, experienciado, como “meu”, isto é, como o que diz respeito a mim mesmo, não como algo simplesmente biológico; e o termo “*Körper*” é utilizado para designar o corpo em seu aspecto material, como geralmente é tratado pelas ciências médicas. “Sem dúvida também se pode examinar o corpo (*Leib*) como um corpo material (*Körper*), e como os senhores, como médicos com formação em anatomia e fisiologia...” (HEIDEGGER, *Seminários de Zollikon*, p.111).

Entretanto, o corpo pode, em certa medida, ser tomado numa perspectiva simplesmente material, isto em uma atitude artificial, objeto das ciências. De qualquer maneira, Heidegger não nega o corpo do *Dasein*, necessário para a sua relação com os entes nas atividades cotidianas. Mas o corpo (*Körper*), tratado em seu âmbito fisiológico, por si só, não é o que possibilita a relação do *Dasein* com os entes em mundo. Afinal, o que seria o fisiológico sem a abertura compreensiva do *Dasein* para relacionar-se com o seu corpo como seu, e assim encontrar-se com os outros entes? Decerto que o *Dasein* relaciona-se com o outro corporalmente, mas isso não se dá primordialmente a partir dos sentidos do corpo. O âmbito fisiológico não é uma condição suficiente, uma vez que não é o fisiológico que fundamenta a abertura relacional do *Dasein* ao mundo e ao outro, mas sim a sua abertura pré-compreensiva ao ser e ao mundo.

O fisiológico é uma condição necessária para a possibilidade de uma relação humana com o outro. No entanto [...] não há um órgão sensorial para aquilo que se chama 'o outro'. [...] A relação existencial não consiste de moléculas, não é originada por elas, mas não existe sem aquilo que pode ser re-interpretado como acontecimento fisiológico-molecular. Se o fisiológico fosse o fundamento do humano deveria haver, por exemplo, 'moléculas de despedida'. (HEIDEGGER, 2001, p.178/179)

Ora, se não é o fisiológico que fundamenta a abertura relacional do *Dasein* com os entes, mas sim a sua abertura pré-compreensiva ao ser e ao mundo, essa abertura, contudo, não é possível sem o seu ser corporal, e nem se dá antes dele, numa instância, digamos que, supra-sensível, etérea, descorporificada. Mas, porque o ôntico não se dá em separado do ontológico na filosofia heideggeriana,<sup>5</sup>o termo “corporeidade”, refere-se à sua co-pertença aos modos de abertura do *Dasein* enquanto existência e, portanto, à sua constituição ser-no-mundo. Mas então perguntamos: como pensar o ser corporal do *Dasein* nessa perspectiva da existência como corporeidade?

Podemos visualizar melhor a corporeidade e seu nexos com a existência no caráter ontológico da espacialidade do *Dasein* e nos existenciais que o estruturam enquanto abertura, principalmente a disposição e a compreensão.

O caráter ontológico espacial do *Dasein* diz respeito ao modo como ele se direciona para o mundo, aproxima e distancia os entes em suas ocupações. Nessa perspectiva, o *Dasein* sempre já se encontra junto aos entes e com outro *Dasein*. Assim, deixar e fazer vir ao

---

<sup>5</sup>O caráter ôntico do *Dasein* significa que em sendo, no exercício de seu ser em suas ocupações no mundo, está em jogo o seu próprio ser. Como compreensão de ser, o *Dasein*, em sua existência ôntica, relaciona-se com o seu próprio ser e com o ser dos demais entes, possuindo assim um caráter ôntico-ontológico.

encontro o ente em uma ocupação possui o caráter de aproximação. Aproximar um ente, por sua vez, não diz respeito a um movimento em que o *Dasein* traz o ente para um intervalo menor de distância do seu corpo, antes, refere-se ao seu caráter ontológico espacial como distanciamento, diz suprimir a distância, ou seja, tornar próximo no sentido de ocupar-se, entreter-se, envolver-se. Enquanto ser espacial, o *Dasein* vai ao encontro do ente, não como uma “coisa corpórea”, ele não percorre distâncias métricas, mas se espacializa, traz o ente para a sua proximidade na medida em que se ocupa e se envolve de alguma maneira com ele. Assim, como exemplifica Heidegger em *Ser e Tempo*, o quadro que o *Dasein* vê pendurado na parede acha-se mais próximo do que os óculos que ele carrega no nariz. Do mesmo modo, o chão que toca a sola dos pés ao caminhar encontra-se mais distante do que o amigo que vem ao encontro por esta mesma estrada. (HEIDEGGER, 2006, p.161) Isto quer dizer que não é com os óculos nem com a estrada que o *Dasein* encontra-se ocupado, junto a, mas encontra-se ocupado junto ao quadro e ao conhecido que vem em sua direção. Nessa perspectiva, o estar junto ao ente numa espacialização pode se dar de diversas maneiras, como por exemplo, com o amigo ouvindo a sua voz em uma conversa ao telefone, junto à paisagem que se vê retratada numa obra de arte, ou ao tema de uma palestra que se ouve e presta atenção. Nesses casos exemplificados, o ouvir, o ver, o prestar atenção sempre se dão numa compreensão, por exemplo, do que se vê, ouve, presta atenção e está junto como modos do corporar. Por conseguinte, dis-tanciar o ente em uma espacialização, tornar próximo, com ele ocupar-se, é um modo do corporar.

Nessa perspectiva é que, ao espacializar-se em seus direcionamentos e distanciamentos enquanto corporeidade, o *Dasein* deixa e faz vir ao seu encontro o ente numa ocupação a partir de um “lá”, do mundo circundante, mundo mais próximo e familiar, de onde retorna para o “aqui” da sua ocupação. No entanto, o “lá” não possui um caráter extensivo, a alguns metros daqui; nem o “aqui” se refere ao lugar que o corpo do *Dasein* se encontra localizado. “Lá” diz o lugar de onde o ente vem ao encontro do *Dasein* numa ocupação e junto ao qual ele primordialmente se encontra e se compreende em um “aqui” da relação estabelecida, a cada vez, em suas ocupações com os entes. Sobre isso nos *Seminários de Zollikon*, Heidegger coloca a seguinte questão:

Onde está o meu corpo quando eu estou ‘de corpo e alma’ no tema do debate? Por outro lado, como está o tema do debate no espaço? Estou no tema, ouvindo. ‘Sou todo ouvidos’. O ouvir é, portanto, o modo do corporar, a participação do corporar na conversa. [...] Tenho, pois, justamente, de ficar sentado na cadeira corporalmente para poder ser todo ouvidos. Se estivesse correndo pela sala não poderia fazer isso ou, pelo menos, não poderia fazê-lo tão bem. (HEIDEGGER, 2001,123)

Vejamos que, como corporeidade, é efetivamente o *Dasein* quem está sentado na cadeira. Não se diz, por exemplo, cotidianamente, algo como: meu corpo está sentado na cadeira. Diz-se sempre: eu estou sentado na cadeira. Dessa maneira, é preciso, como no exemplo citado, que o *Dasein* esteja sentado na cadeira para poder estar atento a uma palestra, uma aula, ou uma conversa, incorporando. Por sua vez, quanto mais envolvido o *Dasein* estiver com o tema da palestra, menos o “seu” corpo estará evidenciado para ele. Tal modo de ser diz respeito à concepção heideggeriana do corpo do *Dasein* como fenômeno, ou seja, neste caso, o fenômeno da corporeidade. O fenômeno da corporeidade diz respeito ao modo de ser ôntico-ontológico do *Dasein* no qual o “seu” corpo encontra-se na maioria das vezes velado. É porque a corporeidade se dá como fenômeno, como um modo de ser, que o corpo do *Dasein* pode ficar oculto quando ele está totalmente envolvido em uma ocupação. É nesse sentido também que o “aqui” não é determinado pelo lugar onde o corpo do *Dasein* se encontra, mas pelo horizonte do corporar, ou seja, pelo ente junto ao qual o *Dasein* se encontra, a cada vez, numa ocupação. Isto significa que o “aqui” se modifica constantemente de acordo com o que o *Dasein* se encontra envolvido e com quem se relaciona a cada circunstância em sua espacialização como corporeidade.

Ao deixar e fazer vir os entes ao seu encontro em suas ocupações o *Dasein* vê, ouve, fala, toca, isto significa que a sua sensorialidade encontra-se implicada na relação que ele estabelece com o mundo. Sublinhamos, contudo, que não é o olho, por si só, como órgão fisiológico responsável pela visão, que vê. O olho não vê o copo em cima da mesa, talvez enxergue cores, volumes; quem vê o copo é o *Dasein* porque compreende aquele objeto como copo. Também não é o ouvido que ouve, mas o *Dasein*. Este ver e ouvir algo, em compreendendo, é um modo do corporar do *Dasein*, diz um modo como o “seu” corpo, ou melhor, a sua corporeidade, co-participa de sua relação com os entes no mundo com a sua sensorialidade.

- Nessa perspectiva, podemos dizer que Heidegger não nega o caráter corpóreo do *Dasein*, os sentidos do corpo co-participam do corporar, visto que suas funções biológicas e sensitivas são significadas, ganham sentido pela circunvisão da compreensão, ou seja, no ver e ouvir encontra-se também uma compreensão de ser. “O corporar está em toda parte onde participa a sensorialidade, mas aí está sempre, também, já a primária compreensão-do-ser.” (HEIDEGGER, 2001, p.212) Isto significa que nos exemplos citados, o ver e o ouvir são modos da sensorialidade do *Dasein*, dos seus sentidos corporais. No entanto, o fato deles se determinarem sempre em uma compreensão do que é ouvido e visto, eles se caracterizam

como modos do corporar, revelam o modo de ser do *Dasein* como corporeidade. Dito de outra maneira, o corporar se caracteriza nesses exemplos como um ouvir e ver em compreendendo e, assim, dizem um modo como a corporeidade co-participa da espacialização do *Dasein*, do estar junto ao ente em uma ocupação. A capacidade sensorial do corpo de ouvir e ver não é suficiente para que o *Dasein* esteja junto a algo, isto é, para que possa relacionar-se consigo mesmo e com o mundo. Nem tampouco um ser espiritual, descorporificado, pode relacionar-se com os entes no mundo. Todos os modos da espacialização do *Dasein* em que participa a sua sensorialidade também participa a corporeidade em seus diversos modos do corporar. O corporar pode ser traduzido como um modo de ser do ser-no-mundo enquanto corporeidade.

- Entendemos que o termo “sensorialidade” utilizado por Heidegger, ao invés de “órgãos dos sentidos” refere-se aos sentidos corporais do *Dasein* como fenômeno, ou seja, ao caráter ontológico em que eles se manifestam como um modo de ser do *Dasein* em sua corporeidade, sempre perpassados pelo compreender, como um modo do corporar e não simplesmente como função de ouvir e ver fisiológicos. Assim, não só o ver, mas também o ouvir são sempre ver e ouvir numa compreensão de ser, e por isto são modos de corporar. O ouvir compreensivo se dá no modo da escuta. É nesse sentido que em *Ser e Tempo* é dito:

‘Em primeiro lugar’, nunca escutamos ruídos complexos acústicos. Escutamos o carro rangendo, a motocicleta. Escuta-se a coluna marchando, o vento do Norte, o pica-pau batendo, o fogo crepitando. Somente numa atitude artificial e complexa é que se pode ‘escutar’ um ‘ruído puro’. Que escutamos primeiramente motocicletas e carros, isso constitui, porém, um testemunho fenomenal de que a presença [*Dasein*], enquanto ser-no-mundo, já sempre se detém *junto* ao que está à mão dentro do mundo e não junto a ‘sensações’, cujo turbilhão tivesse de ser primeiro formado para propiciar o trampolim de onde o sujeito pudesse saltar para finalmente alcançar o ‘mundo’. Sendo, em sua essência, compreensiva, a presença [*Dasein*] está desde o início, junto ao que ela compreende. (HEIDEGGER, 2006,p.212)

O ouvir, como caráter da escuta compreensiva, de que trata Heidegger em *Ser e Tempo*, como abertura da fala, é visto nos *Seminários de Zollikon* como um modo do corporar. De certa forma, podemos dizer então que a questão da corporeidade já se encontra implícita na analítica existencial. O *Dasein* ouve a motocicleta, o carro rangendo ou o fogo crepitando, porque se encontra junto aos entes, numa compreensão de ser, como corporar, corporando. Esse ouvir, como uma escuta compreensiva, é um modo do corporar. O corpo, simplesmente, não ouviria a motocicleta, mas talvez apenas “ruídos e complexos acústicos.” O existencial da compreensão co-pertence à corporeidade e co-determina o ser-no-mundo em sua existência ôntica, fática, como modos do corporar.

Tendo em vista que, enquanto aberturas do *Dasein*, os existenciais são estruturas ontológicas indissociáveis, toda compreensão se encontra afinada em uma disposição, termo

este que é conhecido onticamente como humor<sup>6</sup>. Assim também, toda disposição possui a sua compreensão, mesmo que esta não se dê de modo explícito para o *Dasein*. “O humor revela ‘como alguém está e se torna’”. (HEIDEGGER, 2006, p.193) Dessa maneira, o existencial da disposição não apenas diz respeito a abertura do *Dasein* para o mundo e para o modo de encontrar-se a cada vez em suas ocupações afinado em um humor, como também diz respeito a sua abertura para o ser enquanto possibilidades de projeção de modos de ser. Isto significa que em suas ocupações cotidianas, em suas diversas relações com os entes e com o outro, o *Dasein* encontra-se afinado em um humor, mesmo que dele não se dê conta. Na medida em que o *Dasein* é co-determinado pelo humor no qual ele se encontra afinado, e a corporeidade diz um modo de ser do *Dasein* em suas relações com os entes no mundo, podemos dizer que o humor e a corporeidade são existenciais que co-determinam o modo de ser do *Dasein*. Assim, o encontrar-se desta ou daquela maneira em uma afinação de humor também co-determina os modos do corporar, isto é, os modos de ser e estar do *Dasein* enquanto corporeidade.

Nesse sentido é que podemos observar cotidianamente que compreendemos, em certa medida, como o outro se encontra afinado em um humor. Isto porque ontologicamente o *Dasein* é ser-com, isto é, os outros co-participam da constituição de seu ser na medida em que constituem mundo em sua significância, e assim também constituem o seu ser-no-mundo. Enquanto ser-com, o *Dasein* sempre compreende o ser do outro a partir da compreensão que tem de seu próprio ser e também compreende de alguma maneira o modo de ser corporal do outro, o modo como o outro se encontra afinado em um humor, em seus gestos, seu tom de voz, seu olhar triste ou alegre, entre os modos de ser que desvelam o outro em sua corporeidade, isto é, no seu corporar.

Todos os modos de ser do *Dasein* se determinam no mundo, ou seja, enquanto ser-no-mundo o *Dasein* sempre se encontra em mundo, com o outro e junto aos entes, isto é ek-sistência<sup>7</sup>. Dessa maneira, tendo em vista que a corporeidade co-pertence à existência e esta se dá como ek-sistência, então podemos dizer que a corporeidade co-pertence à ek-sistência. Por isto que os modos em que o *Dasein* se encontra afinado em um humor podem ser, de certa

---

<sup>6</sup>A palavra humor é a tradução de Márcia Schuback do termo alemão *Stimmung*, que é traduzido também por tonalidade afetiva. Na nota 47 de *Ser e Tempo* a tradutora explica que “valeu-se igualmente da expressão ‘afinação do humor’ de modo a indicar que o ‘humor’ significa uma estrutura de afinação e sintonização. Não se valeu nem de tom e nem de tonância, pois ambos referem-se ao resultado da afinação ao passo que, em *Ser e Tempo*, trata-se do movimento verbal mesmo de afinar-se, sintonizar-se enquanto abertura do ‘humor’.” SHUBACK. Márcia Sá Cavalcante. Notas Explicativas; In.: (HEIDEGGER, 2006, p. 573).

<sup>7</sup>Como abertura para o ser e para o mundo o *Dasein* existe desde sempre lançado no mundo, para onde se projeta compreensivamente em suas ocupações. Nesse sentido, para realçar este aspecto Heidegger grafou o termo “existência” como ek-sistência, referindo-se ao caráter ontológico de abertura do *Dasein* como um ente que se projeta para o mundo, encontra-se sempre “fora”, no mundo. Todavia, o “fora” possui um sentido ontológico, referindo-se a abertura do *Dasein* para o ser, ao caráter ek-stático, do *Dasein*.



maneira, compreendidos por outro *Dasein*, que, como ser-com, encontra-se desde sempre num mundo compartilhado. Sobre o modo de ser e estar do *Dasein* em uma afinação de humor, Heidegger (2000, p.91) afirma:

O sentimento como um sentir-se é, precisamente, a maneira como somos corporais; ser corporal não significa que um apêndice chamado corpo é simultaneamente ligado à alma, mas no sentir-se o corpo está desde o princípio co-inserido em nosso si-próprio e, com efeito, de um modo tal que ele permeia a nós mesmos em seu estar em tal ou tal estado. Não ‘temos’ um corpo assim como portamos a faca na bolsa; o corpo também não é um corpo físico que apenas nos acompanha e que também constatamos aí ao mesmo tempo, expressamente ou não, como simplesmente dado. O sentimento, como sentir-se pertence à essência desse ser. O sentimento efetua de antemão a inserção implicativa do corpo em nossa existência.

Daí, podemos inferir que o sentir-se desta ou daquela maneira implica o ser corporal do *Dasein* como co-determinante do seu ser si-mesmo. É no existencial da disposição que o corpo do *Dasein*, como afirma Heidegger, é *co-inserido em seu si-mesmo*, como corporeidade. Diante disso, podemos dizer que a corporeidade co-pertence ao si-mesmo, co-participa da constituição do *Dasein* como ser-no-mundo.

Entretanto, sublinhamos que o humor não diz respeito a um estado de alma de um sujeito, ele não possui um caráter interior, subjetivo. Os existenciais são estruturas ontológicas que se determinam “fora”, no mundo. A disposição abre um modo de ser e estar do *Dasein* no mundo, afinado em um humor, a cada vez, nas suas relações com os entes, antes de qualquer conhecimento teórico, de qualquer reflexão e independe da sua vontade.

A disposição é tão pouco trabalhada pela reflexão que faz com que a presença [*Dasein*] se precipite para o ‘mundo’ das ocupações numa dedicação e abandono irrefletidos. O humor se precipita. Ele não vem de ‘fora’ nem de ‘dentro’. Cresce a partir de si mesmo como modo de ser-no-mundo.(HEIDEGGER, 2006, p.196)

O ser-com é *partilhado* ‘expressamente’ na fala. [...] O que se pronuncia é justamente o estar fora, isto é, o modo cada vez diferente da disposição (ou do humor) que, como se indicou, alcança toda a abertura do ser-em. O índice linguístico próprio da fala em que se anuncia o ser-em da disposição está no tom, na modulação, no ritmo da fala, ‘no modo de dizer’. [...] A fala é a articulação em significações da compreensibilidade inserida na disposição do ser-no-mundo.

O humor se anuncia faticamente na fala através do tom, da modulação, do ritmo e do modo de dizer os pronunciamentos, o que nos indica a co-pertença do existencial da fala à corporeidade de cada *Dasein*, como modos do corporar. Caso contrário, todos pronunciariam da mesma maneira, e em qualquer circunstância. Os mecanismos fisiológicos das cordas vocais não dão conta desse fenômeno, eles não explicam os modos como a cada vez o *Dasein* se pronuncia, antes, é a sua constituição ser-no- mundo, o compreender, a disposição e a

corporeidade que expõem os modos como a cada circunstância, um *Dasein* se pronuncia e se determina em seus modos de ser no mundo. Mais uma vez podemos verificar que a questão da corporeidade encontra-se implícita na analítica existencial. A corporeidade diz respeito à co-pertença do ser corporal do *Dasein* à existência, ela co-determina o ser-no-mundo.

Por sua vez, na medida em que, enquanto ser-no-mundo, o *Dasein* sempre se encontra em mundo, com o outro e junto aos entes, a corporeidade, como um modo de ser que co-pertence à existência, também se determina fora, em mundo, na ek-sistência, como modos do corporar. Entendemos que Heidegger imprime à corporeidade um caráter ek-stático na medida em que se refere ao corporar como um modo de ser do *Dasein* determinado na abertura do mundo, em sua relação com os entes. É nesse sentido que os movimentos corporais do *Dasein*, os seus gestos e o seu tom de voz, por exemplo, dizem um modo do corporar, ou seja, um modo de ser e estar seu, enquanto corporeidade, e que se abre nas suas relações com o mundo, no modo como ele é afinado em um humor, numa compreensão de ser, ou seja, no modo como ele é afetado por mundo enquanto ek- sistência. Assim, de acordo com Heidegger (2006,p.244),

[...] tudo o que chamamos a nossa corporeidade, até a última fibra muscular e a molécula hormonal mais oculta, faz parte essencialmente do interior do existir; não é pois, fundamentalmente matéria inanimada, mas sim um âmbito do poder perceber não objetivável, não opticamente visível de significações do que vem ao encontro, do que consiste todo o *Da-sein*.

Nesse sentido, podemos dizer que a corporeidade é também um existencial que estrutura o *Dasein* como ser-no-mundo e, como tal, se determina a cada vez no mundo, como modos do seu corporar enquanto ek-sistência. É nesse sentido que Gilvan Fogel (2010,p.174) afirma, ao referir-se à corporeidade em Heidegger:

A expressão 'corpo humano' deve ser acentuada. O 'humano' é para reforçar que, quando se fala de corpo, em se referindo a homem, *homem*, já aconteceu, já se fez ou se deu. Mas ele também não se dá *antes e* fora do corpo, isto é, antes e fora (cronologicamente anterior) de realização, concretização ou que, talvez, se possa denominar *incorporação*, *encarnação*. Homem-corpo – isto é o único acontecimento, um único e mesmo instante, um único e mesmo *ato* este acontecimento *um*, integro, este único e mesmo ato é dito em e como ek-sistência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARON, Maxene. *Sur la question du corps dans la pensée de Heidegger: De Sein und Zeit aux Séminaires de Zollikon*. Archives de Philosophie, 2008/2 tome 71, p.309-329. Disponível em <http://www.carin.info/revue-archives-de-philosophie-2008-2-page-309.htm>
- CERBONE, David R. *Heidegger and Dasein' 'Bodily Nature': what is the Hidden Problematic?* In: Heidegger Reexamined. London: Routledge, 2002.
- CIOCAN, Cristian. *The Question of the Living Body in Heidegger's Analytic of Dasein*. Research in Phenomenology, Volume 38, Number 1, BRILL, 2008.
- DASTUR, F. *Heidegger et la Question Anthropologique*. Éditions de L'Institut Supérieur de Philosophie, Louvain-la-neuve, Éditions Peeters, Louvain – Paris, 2003.
- FERREIRA, Acylene Maria C. A constituição ontológico-existencial da corporeidade em Heidegger. *Síntese*, Belo Horizonte, v.37, n.117, 2010, p.107– 123.
- \_\_\_\_\_. *Mundanidade e Diferença Ontológica*. Síntese, Belo Horizonte, v. 40, n 26, pp.85-108.
- FOGEL, G. A respeito de Homem, de Vida e de Corpo. In: *Emmanuel Carneiro Leão*. Org. Fernando Santoro...[et al]-1ed Rio de Janeiro: HEXIS: Fundação Biblioteca Nacional, 2010,(Pensamento no Brasil:1), p.163-179.
- FRANCK, Didier. *Chair et corps: Sur la phénoménologie de Husserl*. Paris: Editions de Minuit, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Heidegger e o problema do espaço*. Tradução João Paz, Coleção Pensamento e Filosofia, Instituto Piaget, Lisboa, 1986.
- HAAR, M. *Heidegger e a essência do homem*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.
- \_\_\_\_\_. Le primat de la Stimmung sur la corporéité du *Dasein*. In: *Heidegger Studies 2*, 1986, p. 67-80.
- \_\_\_\_\_. *Le chant de la terre*. Paris: L'Herne, 1985.
- HEIDEGGER, Martin. *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1989. (Os Pensadores).
- \_\_\_\_\_. *Nietzsche I*. Trad. Juan Luis Vermal. Barcelona: Destino, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Nietzsche II*. Trad. Juan Luis Vermal. Barcelona: Destino, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Ontología. Hermenéutica de La facticidad*, Madrid, Alianza Editorial, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Os problemas fundamentais da fenomenologia*, Trad. Marco Antônio Casanova, Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, (Coleção Textos Filosóficos).
- \_\_\_\_\_. *Principios Metafísicos de la Lógica*, Traducción de Juan José García Norro, Ed. Síntesis. Madrid-Espanha, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Prolegómenos para una historia del concepto de tiempo*. Traducción de Jaime Aspiunza, Madri: Alianza Editorial, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Questions III e IV*. Trad. Jean Beaufret, François Fedier, Julien Herver, Jean Lauxerois, Roger Munier, André Préau e Claude Roels. Paris: Gallimard. 1976.
- \_\_\_\_\_. *Ser e Verdade: a questão fundamental da filosofia; da essência da verdade/Martin Heidegger; tradução Emmanuel Carneiro Leão*. Petrópolis: Vozes;Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco,2007.(Coleção Pensamento Humano).

\_\_\_\_\_. *Sobre o humanismo*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

\_\_\_\_\_. *Ser e Tempo*. Trad. revisada e apresentação de Márcia de Sá Cavalcante Schuback; posfácio de Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, 2006..

\_\_\_\_\_. *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude, solidão*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003

\_\_\_\_\_. *Seminários de Zollikon*. Trad. Gabriela Arnhold e Maria de Fátima Almeida Prado. São Paulo; Petrópolis: Vozes; EDUC, 2001.

LEVIN, David Michael. The Ontological Dimension of Embodiment: Heidegger's Thinking of Being. In.: WELTON, Donn (org.). *The body*. Massachusetts: Blackwell, 1999.